

# AS CERÂMICAS DA IDADE MODERNA DA FORTALEZA DE NOSSA SENHORA DA LUZ, CASCAIS

J. A. SEVERINO RODRIGUES Câmara Municipal de Cascais

CATARINA BOLILA IAP – UNL|UAlgarve

VANESSA FILIPE Arqueóloga

JOSÉ PEDRO HENRIQUES Arqueólogo

INÊS ALVES RIBEIRO Arqueóloga

SARA TEIXEIRA SIMÕES IAP – UNL|UAlgarve

**RESUMO** O processo de tratamento e inventário integral de todo o espólio arqueológico da Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, em Cascais, foi iniciado pelo Departamento de Cultura da Câmara Municipal de Cascais no ano de 2005 e concluído no ano de 2010.

Pretendeu-se com esta acção sistematizar toda a informação relativa ao espólio arqueológico de todas as campanhas arqueológicas ali realizadas para que todas as informações recolhidas possam integrar o sistema de gestão de bens arqueológicos do município.

Os trabalhos arqueológicos iniciados em 1987 foram, amiúde, desenvolvidos no âmbito do projecto de musealização da fortaleza de Nossa Senhora da Luz cuja coordenação tem vindo a ser assegurada pela Dr.ª Margarida Magalhães Ramalho em estreita parceria com a autarquia.

O minucioso trabalho de colagem de todo este espólio e a consequente reconstituição das formas cerâmicas a partir de um número estimado de cerca de 35000 fragmentos veio a revelar uma importante colecção, bem demonstrativa das vivências nesta fortaleza, nomeadamente durante o período filipino, altura em que teve uma intensa ocupação.

O compilar de toda esta informação constituída por mais de 100.000 registos revelou um importante conjunto cerâmico que, embora associado a uma estratigrafia pouco consistente, permitiu caracterizar os usos e costumes do quotidiano desta guarnição e que encontram paralelo nos utensílios da mesma época recolhidos nas várias intervenções arqueológicas realizadas na vila de Cascais.

**PALAVRAS-CHAVE** Cascais, fortaleza de Nossa Senhora da Luz, cerâmica, Idade Moderna

## A FORTALEZA DE NOSSA SENHORA DA LUZ DURANTE A IDADE MODERNA

Muito do que sabemos sobre a história da Fortaleza de Nossa Senhora da Luz encontra-se coligido no artigo intitulado “as fortificações marítimas do porto da nobre vila de Cascais, da autoria de Margarida de Magalhães Ramalho, integrado na extensa obra sobre “As fortificações marítimas da costa de Cascais (Ramalho, 2001). É exactamente durante a Idade Moderna, mais precisamente entre os finais do século XVI e a construção da Cidadela de Cascais, que se vão desenrolar alguns dos acontecimentos históricos mais relevantes da história da vila de Cascais e desta fortificação.

Quando em Agosto de 1580 as tropas de Filipe II de Espanha desembarcam a poente de Cascais, comandadas pelo duque de Alba é esta fortificação, possivelmente

ainda em construção, que vão encontrar a assegurar a defesa da vila.

Este é o início de uma longa história que se vai desenrolar nestas instalação fortificada e que só será possível desvendar através dos estudos arqueológicos que trarão certamente uma nova luz sobre os factos, devido à escassez de fontes históricas que relatem a intensa ocupação e os acontecimentos ocorridos no seu interior durante este período histórico.

## AS CERÂMICAS DA IDADE MODERNA

A grande quantidade e diversidade de artefactos recolhidos ao longo de todas as intervenções arqueológicas, realizadas no interior e exterior desta fortaleza, obrigou a que durante o processo de inventário fossem desenvolvidos estudos sobre amostragens de conjuntos

tipológicos específicos de objectos em cerâmica (conjunto de potes do Baluarte Este, cachimbos de cerâmica, porcelanas e majólica) o que permitiu uma aferição mais fina de algumas das cronologias dos diferentes conjuntos.

A contrapor com os estudos cerâmicos foi também realizada uma investigação sobre uma amostragem significativa de vidros do período moderno para que através dos resultados coligidos por comparação dos intervalos de datas obtidas nos diferentes estudos se pudessem afinar melhor as cronologias.

Assim, o que passaremos a apresentar é apenas uma primeira abordagem formal a um dos conjuntos mais significativos, as cerâmicas da Idade Moderna, que reverterá, conjuntamente com os dados das análises dos restantes materiais de outras épocas, num estudo monográfico sobre este imóvel no qual não faltará também a investigação histórica e arqueológica.

#### A cerâmica de uso comum, fosca e vidrada

Muitos dos exemplares de cerâmica de uso comum, em loiça fosca ou em barro vidrado encontram paralelos nas cerâmicas que têm vindo a ser recolhidas nas várias escavações arqueológicas realizadas no subsolo da vila de Cascais (Cardoso e Rodrigues, 1998, p. 193-212).

A grande diferença encontra-se apenas na quantidade de exemplares recolhidos e no seu estado de conservação, o que após a colagem dos fragmentos permitiu em muitos dos casos obter perfis completos.

É este o caso das almotolias, infusas e jarros (fig.1, n.º 1 a 3) alguns com tampa (fig. 2, n.º 22) que apesar das suas diferentes espessuras permitiu reconstituir e reconhecer diferentes tipologias, algumas das quais finamente decoradas com barbotina branca (fig.1, n.º 4) seguindo a tradição de formas de decoração mais antigas (Cardoso e Rodrigues, 2008, p. 96 e 100).

Este grupo estava integrado no conjunto funcional mais representativo, isto é os objectos de preparação e serviço de mesa e/ou de cozinha. São no entanto as panelas os exemplares que surgem em maior número, embora que sem grandes variantes quanto à sua forma (fig. 1, n.º 6). São exemplares com um bordo trapezoidal ligeiramente oblíquo, o que dá ao colo uma forma troncocónica, por vezes com uma ligeira aba pouco acentuada no lábio plano. O bojo é ovalado e o fundo fino é plano ou ligeiramente convexo. Maioritariamente as asas são de fita de secção oval. A estas estão associados também um elevado número de testos com pega central e todos com bordo boleado.

Ligada à preparação e serviço de cozinha registou-se um conjunto significativo de tachos e frigideiras de bordo perolado, bojo troncocónico invertido e pegas triangulares.

Também com elevada frequência surgiram os fogareiros embora sem grandes variações tipológicas (fig.2, n.º 19). Tanto em barro vermelho como em branco surgem exemplares dos tipos 1 e 2 (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 196) com grelhas do tipo bolacha aplicadas na parte superior da boca de ar (Cardoso e Rodrigues, 1999, p. 204), sendo a abdução de ar rectangular e o fundo plano aplicado e com areia na base. Neste breve resumo não podemos deixar de referir o elevado número malgas ou com fundo em bolacha e o bordo perolado marcado no exterior por uma canelura e de taças vidradas com pé anelar (fig.1, n.º 9 a 11 e fig. 2, n.º 18). É no entanto escasso o número os pratos de barro não vidrado de forma cónica aberta que seriam já substituídos quer por pratos de faiança do século XVI quer pelas produções mais finas do século XVII.

No que se refere aos contentores de armazenamento reconheceram-se dois tipos. Um primeiro era constituído por pequenos potes vidrados de colo cilíndrico com nervuras bojo ovoide, estrangulamento na junção com o pé em bolacha e asas horizontais, forma muito comum no século XVII (Cardoso e Rodrigues, 2002, p. 274 e Est. 7-8) e um segundo tipo, em cerâmica não vidrada, bastante significativo pela sua quantidade e singularidade.

Todos os potes e/ou fragmentos de pote deste segundo tipo provêm do Baluarte Este, uma vez que em nenhuma outra das áreas da Fortaleza, alvo de trabalhos arqueológicos, foram recolhidos fragmentos desta "tipologia".

Fabricados com argilas bastante homogéneas, compactas e bem depuradas, com variações de coloração entre os tons de vermelho e castanho (10 R 5/8; 10 R 6/6; 5 YR 6/4; 6/6), a grande singularidade deste conjunto reside na forma das peças.

Trata-se de potes (fig. 1, n.º 16 e 17) com bordos extrovertidos e espessados externamente, com lábio de secção semicircular e gargalo baixo. A zona superior do bojo apresenta forma globular, sendo que as paredes do corpo têm forma troncocónica, podendo estreitar na zona junto ao fundo, que é plano, irregular e aplicado. Estes contentores têm ainda a particularidade de não apresentarem asas.

Os bordos mostram diâmetros internos que variam entre os 11 e os 12 cm e espessuras entre os 1,6 e 1,8 cm. Os fundos apresentam diâmetros entre os 23 e os 25 cm e são aplicados. Nos exemplares onde foi possível fazer essa observação, apresentam um diâmetro máximo do bojo de 32 cm. O único exemplar que nos permitiu reconstituir um perfil completo (fig. 1, n.º 17) apresenta uma altura máxima de 42 cm.

De referir a grande dificuldade que este conjunto nos ofereceu numa fase inicial de estudo, na medida em

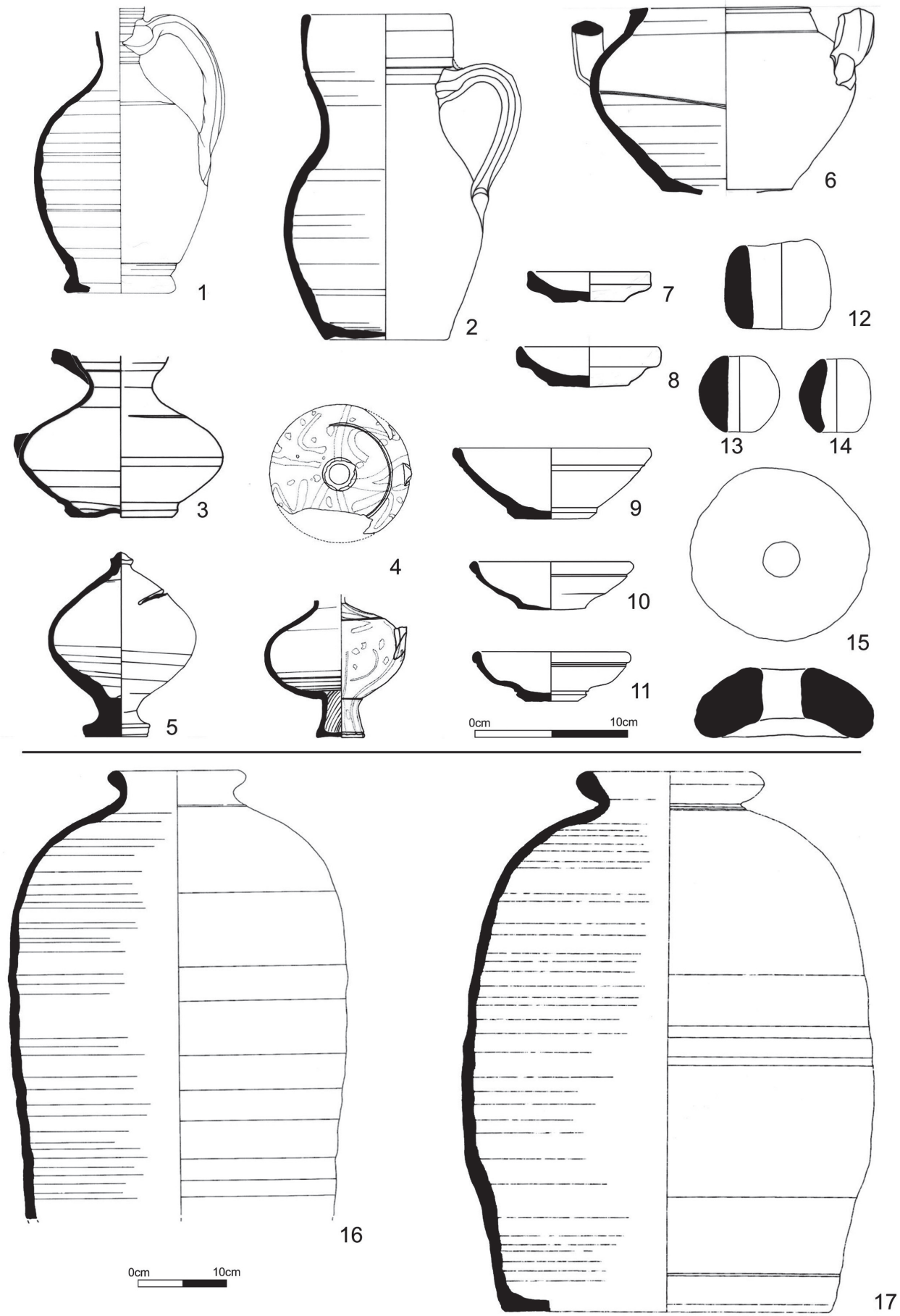


Fig. 1.

que, observando somente a zona do bordo e parte superior do bojo se assemelham a bilhas. Apenas nos foi possível perceber que se tratavam de potes ao longo do trabalho de colagem dos fragmentos, ao nos apercebermos das alterações na parede externa.

Embora não tenhamos encontrado registo de nenhuma fonte escrita que se refira à funcionalidade destes contentores, a análise exaustiva do conjunto material e do seu enquadramento parecem apontar algumas possibilidades.

Por um lado, trata-se de um conjunto cujas características conduzem, indubitavelmente, para potes de armazenamento. Por outro lado, todos os fragmentos foram recolhidos na área escavada que correspondia ao Baluarte Este da Fortaleza, num contexto tipicamente militar. Outro dado essencial corresponde ao facto de na quase totalidade dos fragmentos observados, as paredes externas apresentarem um grande desgaste e corrosão, possivelmente causados pelo salitre (nitrato de potássio).

Como é sabido, um elevado grau de humidade (ambiente que se verifica na Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, dada a sua localização junto ao mar) penetra nas cerâmicas e posteriormente transporta para o exterior sais dissolvidos que através de um processo periódico de recristalização acabam por degradar as paredes externas e os seus revestimentos.

São estes dados que nos levam a lançar a hipótese deste conjunto corresponder a potes que teriam como função o armazenamento de pólvora, ou de algum dos seus componentes, designadamente, salitre.

Os únicos paralelos formais identificados correspondem a um conjunto de potes recolhido nos destroços dos naufrágios dos navios espanhóis *Nossa Senhora da Atocha* (1622) e *Santa Ana Maria* (1627) (Marken, 1994, p. 80-88). Embora não concordemos com a analogia, por nos parecer demasiado forçada e pouco fundamentada, importa referir que o autor designa estes contentores de *flat bottomed olive jars*, baseando-se nas semelhanças das pastas e dos bordos das *olive jars*.

Quanto à cronologia deste conjunto, os paralelos formais acima referidos, bem como o contexto de recolha apontam para que se tratem de peças produzidas e utilizadas durante o século XVII.

Também o grande conjunto de exemplares, muitos dos quais com perfil completo, em cerâmica comum fina da Idade Moderna (Rodrigues, no prelo) só foi reconhecido após longos meses de trabalhos de selecção e colagem de vários milhares de fragmentos de pequenas dimensões e fina espessura.

No entanto a multiplicidade de formas e decorações registadas é de tal modo diversificada que a sua apresentação obrigará a uma investigação bastante mais extensa. Referimos, a título de exemplo, três taças

com duas pequenas asas verticais, com paredes profusamente decoradas e, no entanto, com a aplicação de técnicas e decorações completamente distintas (fig. 2, n.º 21). Neste grupo incluíam-se ainda um largo conjunto de púcaros de água, não decorados, mas tão apreciados nesta época, até por Filipe II de Espanha.

Maior estranheza nos causou um conjunto de pequenos objectos que, embora reproduzindo algumas tipologias conhecidas para este período, apresentavam dimensões demasiado pequenas exibindo ainda decoração em barbotina branca (fig. 2, n.º 20). Se subsiste a dúvida relativamente à base do pequeno fogareiro que pode ser associada a um defumador (Cardoso e Rodrigues, 1998, p. 197-198 e 211) não nos restam dúvidas que os pequenos tachos são miniaturas possivelmente usadas como brinquedos.

Se este conjunto pode, de alguma forma, sugerir a presença de crianças neste espaço militar, esta fica mais atestada com a presença de vários pequenos mealheiros (fig. 1, n.º 5), um claro incentivo à poupança dos mais novos (Cardoso e Rodrigues, 1998, p. 196 e 211). Refira-se que faziam parte deste enorme conjunto de cerâmica de uso comum, fosca e vidrada, exemplares de alguidares, bispotes, bilhas, candeias e muitos outros utensílios que embora com uma menor expressão numérica se enquadram nas tipologias dos finais do século XVI até meados do século XVII.

### Faianças

No extenso grupo de faianças contabilizado em todas as intervenções arqueológicas destacou-se uma unidade que pela coerência dos motivos decorativos podia ser balizada na primeira metade do século XVII. Trata-se das faianças recolhidas no baluarte este, constituídas na sua quase totalidade por pratos e taças.

Embora sem uma estratigrafia coerente<sup>1</sup>, foi possível dividir este tipo de loiça em dois grandes grupos correspondentes às 1.ª e 2.ª fases das produções portuguesas de faianças do século XVII (1600-1625 e 1625-1650) definidas pelo saudoso Dr. Rafael Salinas Calado (Calado, 1987).

Refira-se que na primeira fase o discurso decorativo é inspirado em motivos europeus (Calado, 2003, p. 15) e apresentam no caso dos finos pratos uma separação nítida entre as decorações presentes na aba e o medalhão central. Coexistem ainda nesta fase, embora que em número reduzido, os modelos de pratos e taças carenadas de maior espessura tão em voga no século XVI (Cardoso e Encarnação, 2009, p. 234, 239-240).

1. Esta área foi utilizada neste período apenas como lixeira e consequentemente os materiais encontravam-se dispersos por todas as divisões do baluarte



Fig. 2.

Numa segunda fase, tanto as formas como as decorações têm maioritariamente inspiração nas produções de porcelana chinesa aumentando de forma significativa o número de exemplares exumados.

Pertencem a esta fase os dois pratos brasonados (fig. 2, n.º 30 e 31) e que estabelecem uma ligação directa com a sociedade religiosa e civil da vila de Cascais. Referimo-nos à representação do escudo da ordem dos carmelitas descalços de quem dependia o vizinho o convento de N. Sr.ª da Piedade e do brasão de armas da família Castro à qual pertencia D. António, senhor de Cascais em 1580 e dedicado partidário de Filipe II de Espanha. Pela sua singeleza não podemos deixar de referir o pequeno jarro em faiança que apresenta sobre o bico vertedouro um mascarão relevado (fig. 2, n.º 32) em tudo idêntico às produções da oficina de produção de faiança em Gaia (Almeida, Neves e Cavaco, 2001, p. 145).

Foi exactamente através desta seriação inicial que se catalogaram muitas das restantes faianças provenientes de outros espaços intervencionados e que permitiram balizar no tempo a intensa ocupação que a fortaleza teve neste período uma vez que da 3.ª fase das produções portuguesas de faianças do século XVII (1650-1675) apenas se recolheram três exemplares.

## CERÂMICAS DE IMPORTAÇÃO

### Porcelanas

A existência de porcelana chinesa nos contextos arqueológicos da Fortaleza de Nossa Senhora da Luz encontra-se igualmente atestada. Caracterizam-se essencialmente por produções de exportação, fabricadas durante a dinastia Ming, nos fornos de Jingdezhen, província de Jiangxi, onde a decoração em azul e branco é comum a todos os exemplares, integrados num intervalo cronológico que corresponde à segunda metade do século XVI e primeira metade do século XVII. Do ponto de vista formal, as peças mais antigas são essencialmente pratos de média dimensão, na sua maioria com aba.

Datado de meados do século XVI apresentamos um prato com a figura de um dragão, por vezes conhecido por *xiangcao long* ou “dragão folha de orquídea”, visto como um espírito do rio, símbolo da origem da vida e surge pela primeira vez na China por volta dos finais do século XIV, associado à difusão do budismo (fig. 3, n.º 33 e fig. 4, n.º 44). Esta representação apresenta semelhanças muito próximas com uma taça da Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves (Matos, 1996, p. 51). Da mesma época temos um prato decorado com motivos fitomórficos, com paralelos formais e decorativos na mesma instituição (fig. 3, n.º 35 e fig. 4, n.º 46) (ob. cit., p. 65).

Da segunda metade do século XVI recolheu-se um prato de média dimensão com bordo em forma de chaveta,

decorado com paisagens aquáticas, em redor da aba, comum nas peças de exportação desta época (fig. 3, n.º 34 e fig. 4, n.º 45) (ob. cit., p. 89).

Contemporânea da anterior, é a marca com a representação de uma lebre branca, delineada a azul, normalmente associada a peças de muito boa execução (fig. 4, n.º 49) (ob. cit., p. 66).

Mais tardios, são os dois exemplares de *Kraakporselein*, produção associada ao reinado do imperador Wanli (1573-1619). Um dos exemplares trata-se de um fragmento de taça, com decoração de gamos entre troncos de pessegueiro e na superfície interna é possível observar a existência de ramos de pessegueiro em flor. Cada uma destas composições integra-se em cartelas separadas por um risco simples, em ambas as superfícies, características da transição do século XVI para o século XVII (fig. 4, n.º 50) (ob. cit., p. 115).

O segundo exemplar desta produção trata-se de fragmento de fundo de um prato, com o arranque de aba. Neste caso, a separação das cartelas é mais rebuscada, sendo realizada com decorações de pendentes de contatos e outros objectos simbólicos, já dos inícios do século XVII (fig. 3, n.º 37 e fig. 4, n.º 47) (Matos e Salgado, 2002, p. 71).

Foi ainda possível identificar dois fragmentos de porcelana dos fornos de Zhangzhou, na província de Fujian, no sul da China (fig. 3, n.º 36 e fig. 4, n.º 48 e 51). Este tipo de produção caracteriza-se por apresentar decorações mais livres, com traços espessos sem contorno, feitos em tons de azul escuro ou acinzentado, de paredes espessas, vidrados de cor cinzenta ou amarelados e pastas de cor cinzenta. Os fragmentos em consideração pertencem a um prato de média dimensão e a outro de grandes dimensões, com paralelos decorativos com um exemplar da Fundação Baur, em Génova, dos finais do século XVI ou inícios do XVII (Crick, 2010, p. 395, fig. 270).

### Majólica

No que diz respeito à cerâmica majólica, o conjunto encontrado na Fortaleza de Nossa Senhora Luz é composto por um total de 177 fragmentos, dos quais dezasseite pertencem a pratos (9,6%) e cinco a taças (2,8%). Os restantes 155 elementos não permitiram uma identificação formal dado o seu elevado estado de fragmentação (87,6%).

Quanto à sua morfologia, os pratos são caracterizados por bordos em aba ou pendentes, sendo que estes são geralmente mais fundos que os anteriores. As taças oferecem por vezes características semelhantes às dos pratos mas distinguem-se destes pelo diâmetro mais reduzido e maior concavidade, estando também presente o bordo vertical. O pé em anel é predominante em ambas as formas (fig. 3, n.º 38 a 43)

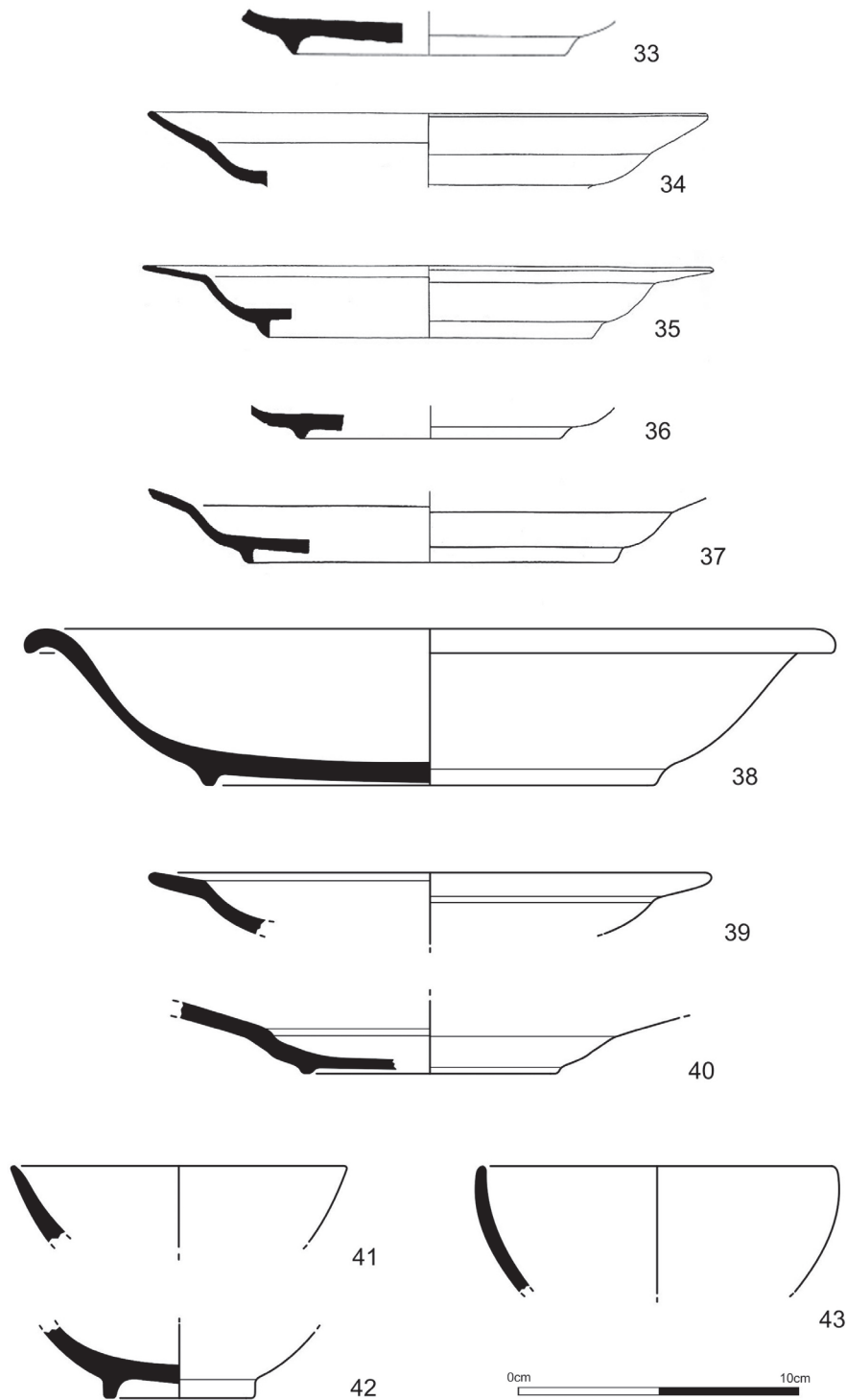


Fig. 3.

A maioria dos fragmentos apresentam uma pasta de coloração amarelada ou amarela clara (2.5Y 8/3, 2.5Y 8/4), compacta, homogénea e com poucos elementos não-plásticos. O esmalte é normalmente espesso e aderente, apresentando uma coloração azul clara ou turquesa, característica de alguns vasos deste tipo de cerâmica.

A decoração é policroma, elaborada a azul-escuro, como é comum, mas são também frequentes as pinceladas em

tons de amarelo ou branco executadas sobre o vidro. As temáticas decorativas são variadas, predominando os fragmentos que apresentam uma decoração vegetalista, composta por palmetas, rosetas ou ramos e folhas, por vezes enquadrados em cartelas que compõem a decoração a zona do bordo (fig. 4, n.º 52 a 57). No anverso do vaso é comum uma sucessão de arcos entrecruzados, também elaborados a azul escuro. Surgem ainda outros motivos decorativos, embora em

menores quantidades, de como é exemplo a representação de paisagens no medalhão central dos pratos, ou mesmo o busto de um "putto", ou anjo, naquele que é o fragmento mais representativo do conjunto de majólica (fig. 3, n.º 38 e fig. 4, n.º 52).

Não sendo possível a análise química das pastas, é difícil atribuir uma origem para estes vasos. Embora a decoração da majólica possa indicar uma proveniência, o tipo aqui presente foi elaborado em mais que um local. As produções são possivelmente andaluzas, destacando-se Sevilha como centro produtor, tratando-se de vasos de tradição ou imitação dos produzidos na zona da Ligúria, Itália, não excluindo o facto de alguns deles poderem ter sido aí elaborados.

Encontramos paralelos para estes vasos nos conjuntos identificados em Sevilha (Cuartel del Carmen), Granada (Alhambra, escavações urbanas) e ainda Silves, apenas para salientar alguns exemplos.

Tendo em conta características das pastas mas principalmente a temática decorativa, as cronologias apontam para um momento balizado entre o final do século XVI e meados do século XVII, estando por isso enquadrados com o historial do sítio onde foram encontrados.

### Cachimbos

O conjunto de cachimbos de cerâmica da Fortaleza de Nossa Senhora da Luz é composto por um total de 34 elementos, constituído por produções em caulino e em cerâmica comum, todos exumados nas intervenções arqueológicas ocorridas nos anos de 1988, 1990 e 2004.

Do total dos 34 elementos, 25 são de cachimbos em caulino, divididos por 4 fragmentos de fornalha e 21 de hastes. Destes elementos destacam-se 3 fornalhas e 1 haste decorada, sendo os restantes fragmentos, um conjunto sem qualquer expressão qualitativa.

Das fornalhas (fig. 5, n.º 58 a 60) evidenciam-se dois exemplares com pedúnculo ostentando marcas de produtor.

A fornalha n.º 58 de forma oval e alongada, também com decoração impressa no bordo, apresenta na base do pedúnculo a marca JG dentro de um pequeno círculo de pontos impressos, e numa das suas laterais um pequeno insecto voador. O bordo é ainda decorado por uma linha impressa de pequenos motivos quadrangulares e apresenta um diâmetro de 2 cm.

A marca está atestada nas produções de Jean Gambier, holandês que em 1780 abre a sua oficina em Givet, França, dando início a uma produção que ganhará muita notoriedade com o seu filho e os conhecidos cachimbos "Jacob". A tipologia do nosso exemplar coloca-o assim nas primeiras produções deste fabricante.

A fornalha n.º 59, de forma oval alongada e de produção holandesa do século XVIII. De produção holandesa

apresenta na base do pedúnculo a marca numérica de 24 encimada por uma coroa, marca atestada no centro produtor de Gouda para os fabricantes Huijbert Lorjier (1731-1782), Mattijs de Munnik (1773-1782), Gillis Willebeek (1778-1803), Willem Bot (1788-1805) e Valentijn Simmers (1820) (Colom, 1997, p. 28, Cuadro 1). É visível ainda em cada lado do pedúnculo o braço da cidade, composto por uma faixa vertical e três estrelas de cada lado, apesar de muito danificado. A prática de colocar o braço na lateral do pedúnculo terá tido início em 1739-1740, e prevalecendo durante o século XIX (Calado, Pimenta e Silva, 2003, p. 87).

A fornalha n.º 60 é a mais danificada de todas tendo apenas uma pequena porção de bordo. O exemplar também não apresenta pedúnculo ou qualquer vestígio de marca ou decoração. O perfil aproxima-o das produções inglesas do século XVIII (1710 a 1820).

A única haste com decoração apresenta uma linha ondulada impressa em torno do tubo (fig. 5, n.º 61). As decorações em linhas de círculos e dentadas são comuns tanto nas produções holandesas como nas inglesas ou francesas, e com grande aceitação no século XVIII (Calado, Pimenta e Silva, 2003, p. 92).

O conjunto de hastes foi registado através de medições e desenhos dos cortes (fig. 5, n.º 62), de modo a aferir a existência ou não, de uma variação de diâmetros do tubo interno que possa levar a uma atribuição cronológica. Contudo, esta análise tem bastantes variáveis e pode não ser fiável no estudo deste conjunto (Alexander, L. T., 1983). Assim, os diâmetros registados variam entre 1 e 1,4 mm, estando a maioria nos 1,25 mm.

A presença de 9 elementos de cachimbo em cerâmica comum é um dado a nível qualitativo e quantitativo de grande interesse, uma vez que na maioria dos contextos até ao momento estudados e publicados, este tipo de produção não ultrapassa os dois ou três elementos, quando não mesmo um ou nenhum.

No conjunto em análise identificámos 3 fornalhas (fig. 5, n.º 63 a 65) e 5 hastes (fig. 5, n.º 66 e 67), cuja análise macroscópica permitiu identificar pastas de tonalidades alaranjadas e cozedura oxidante, à excepção de um exemplar que apresenta uma cozedura reductora o que lhe confere um tom escuro. A pasta apresenta ainda uma pequena quantidade de calcites e micas de grão finíssimo, bem como pequenos vacúolos, sendo atribuível muito provavelmente, uma produção regional. Na maioria, existe vestígios de utilização. É ainda de salientar, que todos os fragmentos existentes apresentam um acabamento facetado.

Ao contrário do que é observável nos cachimbos em caulino, em que o diâmetro do tubo interno é uniforme ao longo de todo o seu comprimento, o mesmo já não ocorre nestes exemplares em cerâmica comum. Uma



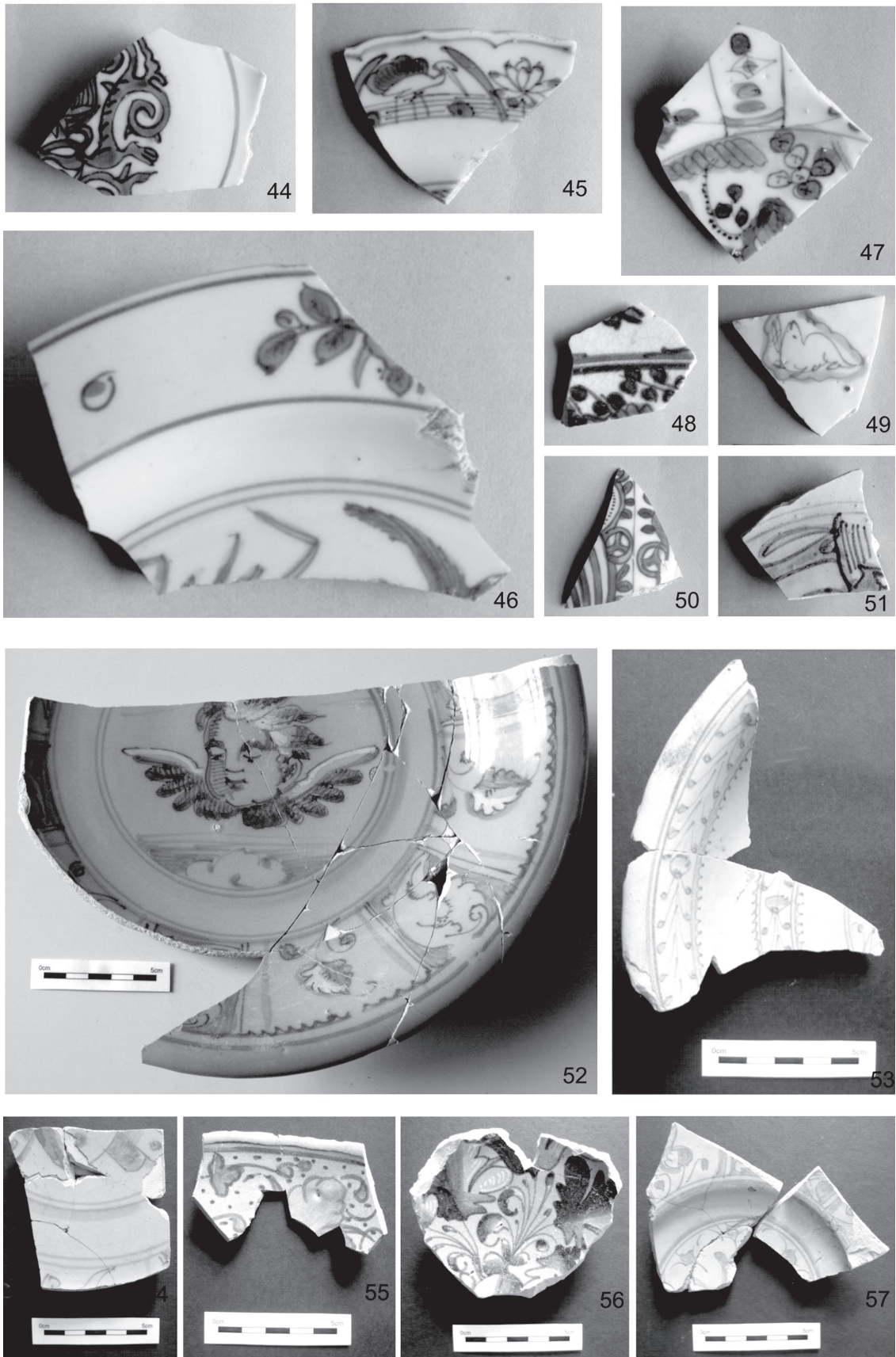


Fig. 4.

consequência das técnicas de produção distintas, utilizadas para cachimbos em caulino e cachimbos em cerâmica comum.

### Vidros

Não menos relevante que o espólio cerâmico, o material vítreo exumado durante as intervenções arqueológicas, privilegiou um novo olhar sobre as actividades quotidianas e os âmbitos sociais e económicos que enquadravam a Fortaleza de Nossa Senhora da Luz.

No que concerne ao repertório formal vítreo, ganha expressividade no conjunto estudado o grupo dos recipientes utilizados para conter líquidos. Neste âmbito, surgem inúmeros fragmentos de garrafas em vidro esverdeado escuro, reconhecíveis pelo seu fundo cónico ou pelo gargalo característico pela aplicação de forma irregular dos dois anéis que circundam o bordo (fig. 5, n.º 73). A morfologia das peças descritas incide directamente sobre o produto que recebe, o vinho, num sentido de conservação das suas características intrínsecas. O consumo de vinho, considerado por muitos como bebida elementar presente numa mesa, e de outras bebidas finas são testemunho da existência de cálices em vidro nos contextos sociais mais elevados. Considerados como os recipientes favoritos no consumo de bebidas nobres, os fragmentos de cálice exumados atestam essa função ditada por preceitos sociais e simbólicos, nomeadamente pela qualidade de execução das peças como o demonstrado pelo fragmento de cálice em *crystallo* ornamentado horizontalmente no bojo com fio de vidro transparente plissado, com asa trabalhada oferecendo uma aplicação em relevo em forma de amora (fig. 5, n.º 71). Assumindo uma gramática decorativa mais simples, o fragmento de cálice em vidro transparente incolor (fig. 5, n.º 79), cujas paredes convexas são menos finas que o anterior recipiente descrito, e as bases discóides de cálice encontradas com botão emuldorado a unir à copa (fig. 5, n.º 81 e 82), compõe na sua maioria os exemplares de cálices recorrentes no sítio arqueológico.

Em associação com o serviço de mesa, encontramos os copos em vidro, utilizados normalmente para conter os líquidos menos nobres como a água. Esteticamente simples, destacamos formalmente dois tipos de copo existentes neste arqueossítio: os copos que apresentam paredes finas e ligeiramente convexas e o fundo côncavo (fig. 5, n.º 83) e os recipientes em vidro transparente incolor oferecendo paredes esvasadas de secção poligonal (fig. 5, n.º 75).

Os objectos vítreos utilizados na higiene e na cosmética encontram lugar neste contexto militar.

A vulgarização dos urinóis, ferramenta médica de diagnóstico, encontra exemplares no espólio exumado

(fig. 5, n.º 83).

O universo feminino e/ou masculino presente na fortaleza constitui-se pelos artefactos relativos a objectos de adorno e à utilização de perfumes ou águas de cheiro. No que respeita aos objectos de adorno pessoais, identificámos um anel em vidro opaco negro (fig. 5, n.º 78), tal como fragmentos de braceletes igualmente em vidro opaco negro.

Referentes à utilização de perfumes identificamos uma taça de pequenas dimensões em vidro azul transparente possivelmente utilizada para conter algo com cheiro ou elementos cosméticos (fig. 5, n.º 80), e frasquinhos decorados, com atenção para o frasquinho em vidro incolor transparente em forma de cabaça ornamentado por pintura a branco na superfície e com aplicação em relevo de uma concha em vidro translúcido (fig. 5, n.º 70).

Em analogia com os exemplares encontrados no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, supomos deter um fragmento de um frasco em forma de cabaça (fig. 5, n.º 72), dada o formato em aba do bordo, a sua pequena dimensão e a coloração vítrea em verde esmerilado, apontarem para esta espécie de contentores de perfumes ou águas de cheiro. Outras formas decoradas como o fragmento de garrafa em vidro incolor (fig. 5, n.º 71), oferecendo bocal em forma de funil e colo estreito decorado com fios de vidro branco opaco engastados nas paredes formulando relevos oblíquos, e o fragmento de garrafa (fig. 5, n.º 69) ornamentado por caneluras oblíquas, exemplificam o gosto estético pelos recipientes e pelo seu conteúdo neste contexto militar.

Os fragmentos de botica exumados serviam para guardar pomadas ou loções (fig. 5, n.º 84).

Numa visão de conjunto, o espólio apresentado integra-se cronologicamente entre os séculos XVI e XVIII demonstrando uma classe social próspera economicamente, na medida em que a vulgarização dos recipientes vítreos só ocorreu no século XIX. Contudo, o espólio vítreo estudado em termos das técnicas de produção que efervesciam nas oficinas europeias caracteriza-se por ser um conjunto mais pobre, indicando uma produção portuguesa e também espanhola.

### CONCLUSÃO

Esta breve abordagem baseada apenas numa observação transversal dos materiais da Idade Moderna e sustentada por cinco investigações realizadas sobre amostragens de conjuntos específicos levam a concluir que a Fortaleza de Nossa Senhora da Luz teve uma intensa ocupação durante o período de ocupação filipina. A coerência cronológica que os materiais apresentam, nomeadamente o conjunto proveniente do baluarte

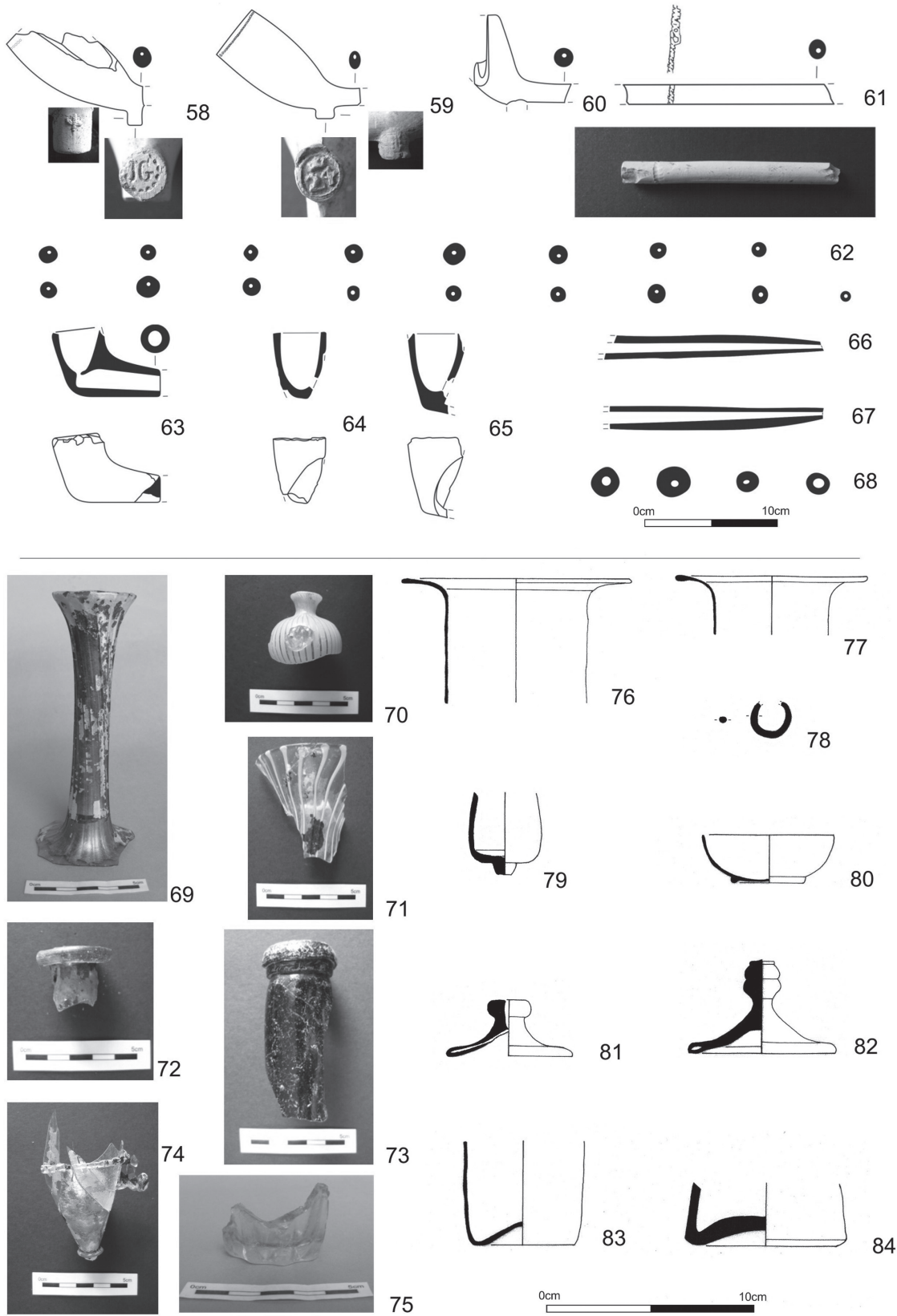


Fig. 5.

este, acentua ainda a frequência neste espaço não só de uma guarnição militar mas também de uma elite nobilitada, constituída pelo governador e possivelmente pela sua família. Assim poderá ser explicada a presença de artefactos associáveis ao universo feminino e à presença quase que irrefutável de crianças.

Também os limites dos intervalos cronológico que se aferiram nesta observação encontram-se compreendidos no período que decorre entre os finais do século XVI e os meados do século XVII. No entanto e porque a guarnição nunca ficou abandonada, alguns dos conjuntos

prolongam-se para além do século XVII demonstrando uma presença militar continuada.

Procurámos principalmente demonstrar com esta primeira abordagem ao estudo dos materiais arqueológicos que o resultado das intervenções arqueológicas, através do estudo do espólio e da sua relação com a análise das estruturas identificadas poderá trazer uma nova visão sobre este espaço fortificado apoiando o conhecimento histórico e reforçando a importância do património histórico e cultural da vila de Cascais.

## BIBLIOGRAFIA

- ALEXANDER, L. T. (1983) – More Light on the theory of dating clay pipes by measuring stem hole diameters. *America*. In PETER DAVEY eds. – *The Archaeology of the Clay Tobacco Pipe VIII*. Oxford: B.A.R. (BAR International Series; 175).
- ALMEIDA, M.; NEVES, M. J. e CAVACO, S. (2001) – Uma oficina de produção de faiança em Gaia nos sécs. XVII e XVIII. In *Itinerários da faiança do Porto e Gaia*. Lisboa: Instituto Português de Museus, p. 144-145.
- CALADO, M.; PIMENTA, J. e SILVA, R. B. da (2003) – Cachimbos de cerâmica provenientes da escavação do Caminho de Ronda do Castelo de São Jorge em Lisboa. *Património – Estudos*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, Vol. 5, p. 83-95.
- CALADO, R. S. (1987) – *Faiança Portuguesa*. Lisboa/Amsterdão: Secretaria de Estado da Cultura/Amsterdams Historisch Museum. 96 p.
- CALADO, R. S. (2003) – *Faiança Portuguesa da Casa-Museu Guerra Junqueiro*. Porto: Câmara Municipal do Porto. 112 p.
- CARDOSO, G. e ENCARNAÇÃO, J. D. (2009) – Testemunhos do Subsolo nos finais do século XX, in *A Casa de Azulejos de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, p. 201-242.
- CARDOSO, G. e RODRIGUES, S. (1998) – Tipologia e Cronologia de Cerâmicas do século XVI, XVII e XIX encontradas em Cascais. *Arqueologia Medieval*. Edições Afrontamento, 6, p. 193-212.
- CARDOSO, G. e RODRIGUES, S. (2002) – Conjunto de peças de cerâmica do século XVI do Convento de N. Sr.ª da Piedade, Cascais, in *Actas dos 3.º Encontros de Arqueologia Urbana*. Almada: Câmara Municipal de Almada, p. 269-288.
- CARDOSO, G. e RODRIGUES, S. (2008) – As cerâmicas do Poço Novo II, in *Actas das 4.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Tondela*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela. p. 95-108.
- CARTA, R. (2008) – *Difusión e influencia de la producción de la cerámica italiana entre la baja edad media y la primera edad moderna: El caso de Granada*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Granada. 1076 p.
- COLOM, M. del M. L. (1997) – Las pipas de arcilla y los bancos tipológicos postmedievales *Arkeolan*. Donostia-San Sebastián: Centro de Estudios e Investigaciones Histórico-Arqueológicas, n.º 3, p. 24-28.
- COLOM, M. del M. L. (1999) – La datación de las pipas de Arcilla *Arkeolan*. Donostia-San Sebastián: Centro de Estudios e Investigaciones Histórico-Arqueológicas, n.º 7, p. 14-25.
- CRICK, M. (2010) – *Chinese trade ceramics for South-East Asia from the 1<sup>st</sup> to the 17<sup>th</sup> century: collection of Ambassador and Mrs Charles Müller*. Genève: 5 Continents; Milan: Fondation Baur, musée des arts d'Extrême-Orient. 415 p.
- CUSTÓDIO, J. (2002) – *A Real Fábrica de Coína (1719-1747) e o vidro em Portugal nos séculos XVII e XVIII: aspectos históricos, tecnológicos, artísticos e arqueológicos*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico.
- FERREIRA, F. E. R. (1983) – Escavações do Ossário de São Vicente de Fora. *Revista Municipal*. Lisboa. 2.ª Série, n.º 4, p. 5-36.
- FERREIRA, M. A. (2003) – Vidro arqueológico da região de Sintra (séculos XVI e XVII). *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento, 8, p. 279-291.
- FERREIRA, M. (2004) – Espólio vítreo proveniente da estação arqueológica do Mosteiro de Sta. Clara-a-Velha de Coimbra: resultados preliminares. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 7:2, p. 541-583.
- FRANCO, G. L. et al (1984-88) – Escavações no antigo Hospital da Confraria do Espírito Santo dos Pescadores e Mareantes de Sesimbra, in *Arqueologia e história*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, S. 10, vol. 1-2, p. 155-185.
- GOMES, R. V. e GOMES, M. V. (1996) – Cerâmicas vidradas e esmaltadas dos séculos XIV a XVI, do Poço-Cisterna de Silves. *Xelb*. Silves. 3, p. 143-206.
- MARKEN, M. W. (1994) – *Pottery from Spanish Shipwrecks, 1500-1800*. Gainesville. University Press of Florida.
- MARTINS, M. (1988) – Três cachimbos do Hospital de Todos-os-Santos. *Revista Municipal*. Lisboa. 2.ª série, n.º 23, p. 16-18.
- MATOS, M. A. P. de et al (1996) – *A Casa das Porcelanas: cerâmica chinesa da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves*. Lisboa: Instituto Português de Museus; London: Philip Wilson. 287 p.
- MATOS, M. A. P. de e SALGADO, M. (2002) – *Porcelana Chinesa da Fundação Carmona e Costa*. Lisboa: Assírio e Alvim. 181 p.
- RAMALHO, M. (2001) – As fortificações marítimas do porto e da nobre vila de Cascais, in *As fortificações marítimas da costa de Cascais*, Edições Quetzal, p. 27-56.
- RODRIGUES, S. – Cerâmicas Comuns Finas Modernas: proposta de um novo conceito in *Actas dos VI Encontro de Olaria de Matosinhos*. Câmara Municipal de Matosinhos (no prelo).
- SOMÉ MUÑOZ, P. e HUARTE CAMBRA, R. (1999) – La cerámica moderna en el Cuartel del Carmen (Sevilla). *Arqueologia Medieval*. Edições Afrontamento, 6, p. 160-171.